

Tonico Benites

**A escola na ótica  
dos Ava Kaiowá:  
impactos e interpretações indígenas**

**contra**  
**CAPA**

---

COLEÇÃO "Os primeiros brasileiros"

COORDENAÇÃO  
João Pacheco de Oliveira

CAPA, PROJETO GRÁFICO E PREPARAÇÃO  
Contra Capa

REVISÃO  
Malu Resende

IMAGEM DA CAPA  
Montagem de Tonico Benites, com objetos rituais (*mimby-opyka* e *o jeguaka*) dos Avá Kaiowá

Benites, Tonico.

B468e A escola na ótica dos Ava Kaiowá : impactos e interpretações indígenas / Tonico Benites. – Rio de Janeiro : Contra Capa, 2012. 120 p. ; 23 cm. – (Coleção Primeiros Brasileiros ; 1)

ISBN 978-85-7740-125-3

1. Antropologia. 2. Antropologia educacional. 3. Tribos e sistema tribal. 4. Escolas indígenas. 5. Índios da América do Sul - Educação. 6. Professores indígenas - Formação I. Título.

CDD 371.979

2012  
Todos os direitos desta edição reservados à  
CONTRA CAPA LIVRARIA LTDA.  
<atendimento@contracapa.com.br>  
www.contracapa.com.br  
Rua de Santana, 198 | Centro  
20230-261 | Rio de Janeiro – RJ  
Tel (55 21) 9764.0533 | Fax (55 21) 2507.9448

## Sumário

Apresentação 9

Introdução 13

**CAPÍTULO I**  
**TRADIÇÕES DE CONHECIMENTO E**  
**HISTÓRIA DAS FORMAS DE DOMINAÇÃO 21**

Instrumental teórico

Da conquista europeia à Guerra do Paraguai

Trabalho nos ervais, processo de  
aldeamento e ação missionária

Os Ava Kaiowá da bacia do rio Iguatemi:  
TIs. Sassoró e Jaguapiré

**CAPÍTULO II**  
**ORGANIZAÇÃO SOCIAL E TRANSMISSÃO DE**  
**CONHECIMENTOS ENTRE OS AVA KAIOWÁ 47**

Organização política e doméstica

O namoro-casamento kaiowá:  
a constituição de nova família nuclear

O processo de educação kaiowá

Os papéis dos membros da família doméstica  
(*tey'i*) e as fases educativas das crianças

COLEÇÃO "Os primeiros brasileiros"

COORDENAÇÃO

João Pacheco de Oliveira

CAPA, PROJETO GRÁFICO E PREPARAÇÃO

Contra Capa

REVISÃO

Malu Resende

IMAGEM DA CAPA

Montagem de Tonico Benites, com objetos rituais (*mimby-opyka* e o *jeguaka*) dos Avá Kaiowá

Benites, Tonico.

B468e A escola na ótica dos Ava Kaiowá : impactos e interpretações indígenas / Tonico Benites. – Rio de Janeiro : Contra Capa, 2012. 120 p. ; 23 cm. – (Coleção Primeiros Brasileiros ; 1)

ISBN 978-85-7740-125-3

1. Antropologia. 2. Antropologia educacional. 3. Tribos e sistema tribal. 4. Escolas indígenas. 5. Índios da América do Sul - Educação. 6. Professores indígenas - Formação 1. Título.

CDD 371.979

2012

Todos os direitos desta edição reservados à

CONTRA CAPA LIVRARIA LTDA.

<atendimento@contracapa.com.br>

www.contracapa.com.br

Rua de Santana, 198 | Centro

20230-261 | Rio de Janeiro – RJ

Tel (55 21) 9764.0533 | Fax (55 21) 2507.9448

## Sumário

Apresentação	9
Introdução	13
<b>CAPÍTULO I</b>	
<b>TRADIÇÕES DE CONHECIMENTO E</b>	
<b>HISTÓRIA DAS FORMAS DE DOMINAÇÃO</b>	<b>21</b>
Instrumental teórico	
Da conquista europeia à Guerra do Paraguai	
Trabalho nos ervais, processo de aldeamento e ação missionária	
Os Ava Kaiowá da bacia do rio Iguatemi: TIs. Sassoró e Jaguapiré	
<b>CAPÍTULO II</b>	
<b>ORGANIZAÇÃO SOCIAL E TRANSMISSÃO DE</b>	
<b>CONHECIMENTOS ENTRE OS AVA KAIOWÁ</b>	<b>47</b>
Organização política e doméstica	
O namoro-casamento kaiowá: a constituição de nova família nuclear	
O processo de educação kaiowá	
Os papéis dos membros da família doméstica ( <i>tey'i</i> ) e as fases educativas das crianças	

## Apresentação

NO BRASIL, O RECONHECIMENTO DE DIREITOS AOS POVOS INDÍGENAS passa pela reafirmação de sua condição de autóctones, expressa já em algumas cartas portuguesas do século XVI, em que as populações que habitavam as costas do Atlântico Sul são referidas como os primeiros e naturais senhores dessas terras, então chamadas de Terra Brasilis. No século XIX, com a Independência do país, passou-se a evitar a decretação de guerras contra povos indígenas específicos, sendo a incorporação dessas populações à nação preconizada apenas por meios brandos e suasórios. No Império, os indígenas foram celebrados como modelos éticos e estéticos de uma idade do ouro prévia à colonização portuguesa, tendo tal representação acompanhado o lento e complexo processo de formação de instituições e da própria identidade nacional. Na República, a postura paternalista cristalizou-se em um serviço estatal específico, criado para exercer sobre tais populações uma tutela dita fraternal e protetora.

Ao falar em “os primeiros brasileiros”, vamos ao encontro dessa corrente de imagens e narrativas. A anterioridade de sua convivência com o território e seus recursos ambientais alimenta a expectativa de que sua adaptação e seu conhecimento sobre a natureza excedam em muito os demais segmentos que viriam a compor a nação, identificados afetiva e intelectualmente com outros continentes. Não há qualquer cabimento em retirá-los da história, pois sua precedência cronológica fundamenta igualmente uma historicidade única e profunda, de vez que foram, desde o início da conquista, participantes essenciais do processo de colonização, do qual sofreram todos os impactos possíveis e sempre espelharam soluções alternativas.

A intenção em chamar a coleção que ora se inicia de *Os primeiros brasileiros* é justamente explicitar a interconexão entre os estudos sobre povos indígenas e a reafirmação de seus direitos. As investigações aqui apresentadas pretendem contribuir para o reconhecimento, a concretização

e o aperfeiçoamento desses direitos, algo que é absolutamente essencial para a continuidade histórica das coletividades que assim se denominam, bem como para o estabelecimento de políticas públicas que respeitem e valorizem a enorme diversidade sociocultural existente no Brasil.

O título *Os primeiros brasileiros* evoca também uma importante parceria, constituída para a viabilização da mostra de mesmo nome, exibida no Recife (Museu da Cidade, Forte das Cinco Pontas e Biblioteca da Universidade Federal de Pernambuco), em 2006–7, em Fortaleza (Centro de Arte e Cultura Dragão do Mar), em 2007, e no Rio de Janeiro (Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ), em 2009, para um público de mais de 150 mil visitantes. Trata-se da conjugação de esforços de duas instituições científicas, o Laboratório de Pesquisas em Etnicidade, Cultura e Desenvolvimento (LACED), do Museu Nacional/UFRJ, e a Fundação Joaquim Nabuco, e de uma organização indígena de âmbito regional, a Associação dos Povos e Organizações Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo (APOINME). A sintonia política com os indígenas, refletindo sobre suas lutas e mobilizações cruciais, é marca fundadora das monografias e trabalhos científicos que aqui se divulgarão.

É uma circunstância feliz que iniciemos a coleção com a publicação da dissertação de mestrado em antropologia de Tônico Benites, indígena Avá Kaiowá, defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) do Museu Nacional/UFRJ em 2009. O tema escolhido por ele foi a educação escolar para indígenas, descrita e analisada segundo a perspectiva das famílias Avá Kaiowá. Seu trabalho está centrado não na evolução da legislação e dos procedimentos administrativos, nem em estatísticas sobre as escolas, e sim no que Bartolomeu Meliá denominou de “educação indígena”, em contraste com os procedimentos induzidos pela escolarização formal.

Ao analisar como as famílias Avá Kaiowá interagem com e avaliam as imposições da escolarização, Tônico Benites nos leva a compreender como opera uma estrutura articulada de conhecimentos, atitudes e papéis, por meio da qual as famílias promovem a socialização das crianças e dos jovens, gestando os membros futuros de suas coletividades. Longe de serem transmissões setorizadas de conhecimentos específicos tão ao gosto do multiculturalismo, em geral descritos na literatura precedente como “tradicionais”, operantes na esfera da oralidade e, portanto, não colidentes com os conhecimentos ditos científicos, transmitidos pela escola, são eles que devem moldar a subjetividade, fornecer os parâmetros éticos e oferecer as ferramentas necessárias às formas de sociabilidade vigentes no futuro.

Muito mais do que um estudo sobre a escola indígena, o trabalho de Tônico Benites nos propicia uma etnografia densa e compreensiva sobre a família na organização social dos Avá Kaiowá. Para isso, é fundamental entender que as famílias não desenvolvem modos de pensar homogêneos, nem comportamentos estritamente análogos, caracterizando-se justamente por valorizar suas diferenças, resultantes de processos adaptativos distintos.

Em vez de nos propor um modelo único do que seja (ou deva ser) o Avá Kaiowá, Tônico aponta uma alternativa analítica que nos permite contemplar a variação e a variabilidade, apresentando-nos ao “modo de ser múltiplo” (*Ava kuera reko reta*). Em suas próprias palavras, “entre o modo de ser antigo (o *teko ymanguare*) e o modo de ser atual (*teko pyahu*), existem tanto continuidades quanto mudanças, o que não significa, porém, que os Avá Kaiowá deixaram de ser indígenas, mas sim que cada família constrói o seu perfil e o seu estilo específico (*teko laja kuera*) em espaço e tempo distintos. É impossível e indesejável para as famílias indígenas ser e viver como não-indígenas (*karai*), assim como voltar ao modo de ser antigo, uma vez que os Kaiowá se adaptam continuamente às condições do presente”.

Apoiada em cuidadosa etnografia, que muito se beneficia das extensas e íntimas experiências de seu autor, este trabalho desenvolve uma narrativa apaixonante, sem precedentes na antropologia brasileira. Já no ato de partida, precisamos afastar-nos das velhas chaves analíticas sobre a situação e a observação etnográfica – como o tropos das “viagens” e imagens, só aparentemente claras e unívocas (como “nós” e “os outros”) –, que se revelam, mais frequentemente, como verdadeiros obstáculos ao conhecimento. Que esta narrativa possa, então, inspirar-nos a refletir de maneira mais crítica sobre os novos horizontes teóricos e epistemológicos que se abrem ao exercício contemporâneo da etnografia.

João Pacheco de Oliveira  
professor titular, Museu Nacional/UFRJ

## Introdução

INICIALMENTE QUERO REGISTRAR A MINHA HISTÓRIA como Ava Kaiowá que participou do movimento político Guarani Nandéva (ou apenas “Guarani”) e Guarani Kaiowá, incluindo a minha trajetória e a formação acadêmica levadas a efeito nos últimos dez anos.

Nasci e cresci no Posto Indígena Sassoró, onde comecei a frequentar a educação escolar na sede da Missão Evangélica Caiuá no começo dos anos 80. A minha família extensa é originária do *tekoha* (espaço territorial) Jaguapiré, do qual foi expulsa na década de 70, por isto tendo que se assentar em Sassoró. Os membros da minha família realizaram uma luta intensa para retornar a Jaguapiré, conseguindo retomar uma parte dessa área somente em 1980. Foi exatamente nesse período de intensos conflitos com fazendeiros do município de Tacuru (MS) que teve início a minha história como estudante, para ser mais tarde professor, depois auxiliar de pesquisa e finalmente pesquisador do povo Guarani Kaiowá.

Diante de várias perguntas feitas por antropólogos, pesquisadores, autoridades governamentais do Estado e direcionadas aos kaiowá mais idosos de Jaguapiré em língua portuguesa, passei a dedicar-me a traduzir e a intermediar as entrevistas solicitadas. Assim começou a minha história como tradutor e informante.

No final de 1980, na condição de representante político das famílias kaiowá de terras em conflito, participei ativamente de diversos eventos locais, regionais, estaduais e nacionais. Como exemplo, menciono as *Aty Guasu* (assembleias gerais de lideranças das famílias extensas Guarani Kaiowá e Guarani Nandéva de MS), congressos, seminários, oficinas, cursos, encontro de professores indígenas, nos quais proferi muitas palestras, fiz discursos denunciando questões graves e abordando temas complexos e polêmicos relacionados com a questão da recuperação de terras indígenas, a educação escolar indígena, a saúde indígena etc.